

A CERÂMICA COMO ELEMENTO CARACTERIZADOR DA OCUPAÇÃO ALTO MEDIEVAL NA QUINTA DE CRESTELOS (MEIRINHOS-MOGADOURO)

Susana Rodrigues Cosme

Arqueóloga; Arqueo'Estudos, lrd/CITCEM-FLUP

RESUMO

Procurou-se neste estudo, à luz das estruturas e das cerâmicas, caracterizar a ocupação humana na Quinta de Crestelos em época alto medieval.

Foram identificados dois períodos distintos: um que compreende os séculos V-VI e outro os séculos VII-VIII. Quer as cerâmicas quer as estruturas identificadas corroboram esta segmentação, o que não implica corte ou hiato ocupacional.

As estruturas registadas, indicam uma ocupação do local quer ao nível habitacional quer de actividades ligadas à agro-pecuária. A completar esta ocupação estão os materiais exumados dos quais destacamos as cerâmicas, quer pela quantidade, quer pela qualidade e tipologias decorativas associadas a este período cronológico.

Palavras-chave: Alta Idade Média, Quinta de Crestelos, Estruturas, Cerâmica, Registo.

ABSTRACT

In this study, in the light of the structures and of ceramics, it was characterize the human occupation at Crestelos farm in high middle age.

Were identified two distinct periods: one that includes the V-VI centuries and other centuries VII-VIII. The ceramics and the identified structures corroborate this segmentation, which does not involve cutting or occupational hiatus.

The structures registered, indicate a local occupation whit housing level want from activities linked to agriculture. To complete this occupation are exhumed materials of which we highlight the ceramics, because the quantity, the quality and decorative types associated with this chronological period.

Keywords: High Middle Age, Crestelos Farm, Structures, Ceramics, Registration.

1 - INTRODUÇÃO

Os trabalhos arqueológicos dos quais resultam este estudo deram de um conjunto de medidas de minimização de impactes, inseridas no projecto de construção de duas barragens no rio Sabor¹. Neste âmbito, foi realizada uma grande intervenção arqueológica no sítio da Quinta de Crestelos, que rondou a escavação de 10.750 m², onde foi possível reconhecer uma sobreposição de contextos, estruturas e uma longa diacronia de ocupação, que se teria iniciado no Paleolítico Superior e se prolongou até 2014, data de enchimento das barragens. Os trabalhos arqueológicos desenvolvidos neste sítio foram executados em diversas fases, áreas e por diferentes equipas².

2 – ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO DA QUINTA DE CRESTELOS

A Quinta de Crestelos localiza-se na margem esquerda do Rio Sabor, na fre-

¹ O projecto do Aproveitamento Hidroeléctrico do Baixo Sabor foi promovido pela EDP, Energias de Portugal S.A. e contemplou a construção de duas barragens no concelho de Torre de Moncorvo e a submersão de uma área considerável que afectou outros três concelhos: Alfândega da Fé, Macedo de Cavaleiros e Mogadouro.

² O estudo aqui apresentado resulta da intervenção arqueológica numa área específica, coordenada pelo consórcio Baixo Sabor ACE e executada pelo consórcio de empresas Archeo'Estudos, Investigação Arqueológica Lda. e Arqueologia e Património Lda. A intervenção sistemática foi dirigida por Susana Cosme e João Niza e este trabalho só foi possível graças a uma equipe de arqueólogos, técnicos e trabalhadores indiferenciados que em campo e/ou em gabinete foram incansáveis.

guesia de Meirinhos, concelho de Mogadouro, distrito de Bragança, na Carta Militar de Portugal nº 119 (1:25.000). As coordenadas da área intervencionada WGS 84 são: X-677067,18; Y-4569201,12. A altimetria do sítio é irregular, variando entre os 179 m na zona por nós intervencionada e os 210 m no topo da Crista de Crestelos.

Pode descrever-se a paisagem como inserida na terra quente transmontana, embora numa zona de transição para o vale do Douro. A Quinta de Crestelos encontra-se num vale de xistos pré-câmbrios, num meandro de perfil transversal assimétrico, formado pelo rio Sabor. A composição dos solos é de xistos argilosos de composição e textura uniformes e onde se passa gradualmente da montanha para a planície com uma rede hidrográfica densa e onde o relevo é dissecado.

O vale do Sabor, maioritariamente fechado e de encostas íngremes, encontra aqui excepção, tratando-se de uma zona mais aberta, com algumas plataformas que parecem suavizar as vertentes igualmente acentuadas, encontrando-se protegido dos ventos por uma cortina de elevações e pelas próprias regiões planálticas envolventes.

Tratando-se assim, de uma zona de passagem do rio Sabor e de ligação entre os planaltos de Mogadouro, Alfândega da Fé e de Moncorvo.

3 – OBJETO DE ESTUDO

O objeto deste estudo pretende analisar os contextos e ambientes relaciona-



Fig. 1. Localização da Quinta de Crestelos [EP189] sobre o ortofotomapa: 1- Crista de Crestelos; 2 – Quinta de Crestelos; 3 – Necrópole; 4 – Necrópole; 5 – Foz do Medal.



Fig. 2. Início dos trabalhos na Quinta de Crestelos em fevereiro de 2012.

dos com a ocupação entre os séculos V e VIII d.C. registados na intervenção sistemática executada pelo consórcio de empresas: Archeo'Estudos e Arqueologia e Património.

Esta intervenção iniciou-se em fevereiro de 2012 (figura 2), localizando-se junto aos edifícios da Quinta e mais tarde dentro de alguns desses mesmos edifícios, num total de 2187 m² escavados, tendo-se terminado os trabalhos de campo em novembro de 2013 (figura 10).

4 – ENQUADRAMENTO ARQUEOLÓGICO

Para quem não conhece a Quinta de Crestelos, e esta intervenção em particular, é de referir que foi aqui identificada uma ocupação humana desde o Calcolítico/Bronze Inicial, Idade do Ferro, Época Romana, Alta Idade Média, Idade Média (até ao século X-XI) e época Contemporânea.

Encontrando-se circundada pelo recinto muralhado da Crista de Crestelos, por duas necrópoles identificadas e escavadas e pela plataforma da Foz do Medal (Figura 1).

5 – ESTRUTURAS E MATERIAIS DOS SÉCULOS V E VI – UMA APROXIMAÇÃO À VIDA QUOTIDIANA

A partir de meados do séc. V d. C. e ao longo do VI assistimos a um aparen-

te declínio na ocupação da Quinta de Crestelos. Não existem edifícios criados de raiz, o que nos surge, são edificações modestas, enquadrando-se e reaproveitando o edifício pré-existente de cronologia romana.

Verificam-se dimensões mais reduzidas das novas construções, compartimentando espaços anteriores e em alguns casos alterando-lhe a funcionalidade. Neste período, os espaços habitacionais afiguram-se mais reduzidos.

O tipo de aparelho das construções é mais rudimentar, surgindo estruturas de xisto em “pedra seca”. Os pavimentos são lajeados em xisto com buracos de poste com pedras fincadas que sugerem coberturas perecíveis, estes pavimentos são construídos sobre os níveis de derrubes e abandono de época romana, como é o caso apresentado na figura 3, onde o espaço de armazenamento do edifício de época romana foi readaptado sendo criado uma divisória sobre o derrube deste espaço mas ao mesmo tempo aproveitando as paredes ainda visíveis.

Alguns espaços anteriormente abertos são agora fechados, os pavimentos em argila de época romana são refeitos, remendados o que acentua a ideia da sua contínua ocupação.

Foram identificadas estruturas de pedras fincadas associadas a fossas detriticas. Estas estruturas poderão ter tido uma funcionalidade de cerca ou paliçada.

Da cultura material exumada neste período, destaca-se a cerâmica doméstica, centrada na cozinha, armazenamento e actividade de tecelagem.



Fig. 3. Estrutura dentro do espaço de armazenamento de época romana.



Fig. 4. Fundo de taça em cerâmica com grafiti em X e com traço em cima e ao lado.

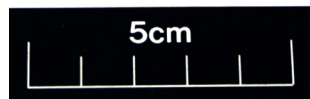


Fig. 5. Fundo de taça em cerâmica com grafiti em X.

Não parece existir um investimento em peças novas, pelo menos não em peças de importação. Os materiais cerâmicos, mantêm quer as formas quer as funcionalidades, estas peças usam-se até que o grau de desgaste seja imenso.

Muitas das peças são grafitadas, pós cozadura, a maioria delas com estrelas de 5 pontas ou estrela de Salomão, mas com outros motivos também, desde o simples x ou cruz, a quadrados ou a motivos compostos como uma estrela e um círculo (Figuras 4 e 5). Este grafitar de peças antigas parece fazê-las renascer para um novo dono, uma nova cultura, a mesma funcionalidade.

Continua-se a usar os grandes contentores cerâmicos, também eles apresentando grande desgaste, assim como, as peças ligadas à tecelagem como pesos de tear.

Continuam a surgir alguns, poucos, fragmentos de terra sigilata hispânica tardia.

Sem ser do espólio cerâmico, destacamos um anel em bronze que surge no interior do espaço de armazenamento romano mas em níveis do abandono da ocupação do séc. V-VI.

As actividades económicas e de subsistência perduram de períodos anteriores, tendo por base a agricultura e a criação de gado. Os vales do Sabor e da própria ribeira do Medal sugerem uma boa apetência para o sector primário.

Estes séculos V-VI sugerem, assim, um período de transformação em que a população parece estagnar ou mesmo regredir, a considerar pelo fraco investimento em construções e respectiva falta

de qualidade das mesmas. A cerâmica é um reflexo dessa falta de investimento.

6 – ESTRUTURAS E MATERIAIS DOS SÉCULOS VII E VIII – UMA APROXIMAÇÃO À VIDA QUOTIDIANA

No período seguinte, séculos VII-VIII, assistimos na Quinta de Crestelos a uma alteração do modelo de povoamento e exploração económica. Desaparece o grande edifício romano, de planta em L, com vários compartimentos. É agora substituído por construções modestas e unifamiliares. Estes edifícios apresentam uma configuração subretangular, subdividida em 2 ou 3 espaços habitacionais e/ou funcionais. A técnica construtiva perde qualidade, os muros são de pedra seca e de aparelho irregular, semelhantes às edificações dos séculos anteriores. Apenas se conservam as primeiras fiadas, pelo que é impossível calcularmos a altura dos muros. Não se registando derrubes de cobertura de cerâmica, presumimos que as coberturas fossem revestidas de materiais perecíveis: giestas ou colmo, daí também a presença de diversos buracos de poste, associáveis ao apoio da estrutura de madeira. Assim, podemos seleccionar 3 áreas que consideramos habitacionais, sendo as plantas dessas estruturas muito semelhantes, apresentando uma forma subretangular, com apenas uma divisória em dois espaços funcionais. Um deles apresenta uma estrutura lajeada no topo oposto à zona de entrada. Estas estruturas lajeadas teria funcionado como lareiras. Todas as

estruturas habitacionais têm buracos de poste que lhe estão associados.

Na Zona 1, o espaço habitacional tem o lajeado no topo norte e presumimos que a entrada se fizesse-se pelo lado sul, ainda apresentava restos de pavimento em argila em parte do restante compartimento. De salientar a quantidade e qualidade do espólio cerâmico exumado neste espaço (Figura 6).

Na zona 7, o espaço habitacional tinha a estrutura de lajeado muito bem preservada no topo oeste e a entrada seria pelo topo este. Também aqui foram registados pavimentos de argila, sendo o último talvez já de finais do séc. VIII-IX. Neste espaço foram exumados diversos fragmentos de *dolium* ou talhas e de panelas com vestígios de fogo o que sugere que se cozinhava no interior do espaço (Figura 7).

Na Zona 6, o espaço habitacional tem o lajeado no topo norte, tal como o da Zona 1 e presumimos que a entrada fosse efectuada pelo lado sul. Neste caso não foi possível aferir se tinha piso de argila, pois apenas foi intervencionado parte do canto noroeste. Em nenhum destes casos se registou derrube de material cerâmico de cobertura, e os derrubes de pedras de xisto, eram mais concentrados no interior das estruturas.

Para além destas três construções muito homogêneas foram identificados dois alinhamentos paralelos noroeste/sudeste. Parecem indicar alinhamentos de rua ou de divisão de zonas funcionais.

O mais imponente muro medeial registado têm cerca de 0,90 m de largura e em alguns troços apresenta

uma altura de cerca de 0,50 m, e embora troncado, na nossa área de intervenção apresentava mais de 25 m de comprimento, sendo composto pelas U.E.-7055, U.E.-7030, U.E.-7072. Este muro parece fazer parte de uma estrutura que se desenvolvia para sul e da qual também faziam parte os muros U.E.-6048 e a U.E.-6063. A funcionalidade desta estrutura não foi possível determinar mas é certo que se trata de uma estrutura marcante na paisagem e que se encontra adossada ao espaço de habitação da Zona 7 e ao da Zona 6.

Para além destas construções que parecem ter funcionado como zonas habitacionais e de trabalhos domésticos, foram identificadas duas estruturas em U, a primeira na Zona 1 e 2, talvez dedicada à moagem e a segunda na Zona 2 e 3, provavelmente um curral com uma manjedoura no seu topo este. O aparelho construtivo destas estruturas é semelhante às restantes do mesmo período. Assentam em terra, o aparelho mantém-se em pedra seca, irregular, sem derrubes de telhado e com buracos de poste associados. À primeira estrutura em U estão associados pequenos silos escavados no sedimento argiloso, assim como algumas estruturas pétreas adossadas à sua parede sul exterior. A segunda estrutura está associada a um alinhamento de pedras fincadas, que pode ter servido de base à paliçada de uma manjedoura, para alimento de animais.

A estas estruturas poderíamos juntar o edifício da Zona 5, com dois muros paralelos e uma estrutura central e

equidistante, que pode ter servido de apoio a atividades agrícolas (celeiro) ou pecuárias (bairas para animais). Este espaço tem forma rectangular com cerca de 8m de lado por 20m de comprimento, não foi identificada zona de entrada, no entanto na parede norte encontra-se uma abertura, resultado de uma destruição, poderia ser aí a entrada deste espaço.

De salientar que os muros que apresentam um aparelho de maior robustez e mais cuidado, referentes a este período cronológico, encontram-se na Zona 5 (possível celeiro ou baia) e a estrutura imponente que atravessa a Zonas 7 e 6. Daí deduzir-mos que o cuidado com a protecção dos animais e do cereal era tão ou mais importante que o conforto e segurança pessoal. Já o era em época romana onde o celeiro se encontrava numa zona murada que o protegia (COSME, 2013).

O elemento caracterizador da ocupação destas construções é o respectivo espólio a elas associado. A população que habitou Crestelos teria algum poder económico, face à quantidade e qualidade do espólio, principalmente cerâmico, verificando-se muitas peças de importação.

Destacamos o conjunto cerâmico associado principalmente à estrutura de habitação da zona 1 e ao primeiro espaço em U da Zona 1 e 2. Aqui foram exumados materiais cerâmicos de muito boa qualidade, com pastas muito depuradas e acabamentos cuidados, cerâmicas comuns decoradas com estampilhados e incisões (Figura 8),

cerâmicas com verniz negro e castanho, sigilatas paleocristãs, feitas a molde e com verniz preto, com formas muito semelhantes às sigilatas tardias. Destas, salientamos uma forma de taça com bordo em triângulos e decoração interior, em espinha. No espaço da zona 2 foi ainda exumado um fragmento de pança com decoração incisa com motivos de peixes (um inteiro e o início de outro – Figura 9).

Nas decorações estampilhadas, surgem grinaldas simples, de várias dimensões, formando desenhos geométricos. Apesar de predominarem as estampilhas de grinaldas, surgem também estampilhas geométricas como os círculos concêntricos, florais, rosetas, favos, palmetas, etc..

Foram ainda exumados alguns fragmentos de vidros deste período, alguns fragmentos de *dolium*, cossoiros e pesos de tear.

Outro pormenor que denuncia algum poder ou importância é o contacto com a escrita, nos séculos IV-V sobre cerâmica, e neste período (século VII-VIII) sobre xisto, recolhendo-se uma piçarra opistógrafa. Esta apresenta uma escrita cursiva regional lida e datada pela Professora Isabel Velazquez³. Deste período, são também algumas lajes de xisto com gravados geométricos, essencialmente, reticulados.

³ Espera-se em breve publicar o estudo desta peça.



Fig. 6. Estrutura habitacional de cronologia alto-medieval na zona 1.



Fig. 7. Estrutura habitacional de cronologia alto-medieval na zona 7.



Fig. 8. Taça em cerâmica cinzenta com engobe preto e decoração estampilhada e incisa com círculos concêntricos e grinaldas.



Fig. 9. Fragmento de taça carenada com engobe preto e decoração incisa com forma de peixe.

7 – CONCLUSÕES

O período alto-medieval e a ocupação Sueva-Visigoda na Quinta de Crestelos reflecte-se em dois grandes momentos:

- um primeiro de retracção social e económica reflectida na reutilização de estruturas e materiais, na pouca quantidade de novas estruturas e na sua fraca qualidade construtiva.
- um segundo momento de renovação, de implementação de um novo modelo de povoamento, da construção de novas estruturas de habitação e de estruturas relacio-

nadas com actividades agrícolas e pecuárias. Um florescimento que se verifica na qualidade do espólio exumado, que não parece ser apenas económico mas também, social com o aumento de número de famílias, cultural e religioso.

As actividades agro-pecuárias são a base da economia local e a atestar estas evidências verificadas no registo arqueológico estão os estudos carpológicos realizados na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto e na CIBIO-UP coordenadas pelo Doutor João Tereso que atestam o consumo de diferentes cereais como a cevada, tri-



Fig. 10. Vista do final dos trabalhos na Quinta de Crestelos [EP189] em novembro de 2013.

go, milho-miúdo e o centeio (TERESO *et alli*, 2016). Também os estudos arqueozoológicos desenvolvidos por Cléia Detry, irão permitir identificar inúmeras espécies, de criação, caça e consumo, existindo já três datações para os períodos que aqui abordamos para urso e castor, estes e outros estudos, assim como, a publicação da piçarra, o estudo dos metais, estão a ser ultimados para complementar os dados aqui apresentados.

8 – REFERÊNCIAS

- COSME, Susana Rodrigues (2013): “O contributo das pequenas “*villae*” rústicas na economia e povoamento dos séculos IV a VII no Douro”. In *Actas Ias Conferências do Museu de Lamego (8 e 9 de Novembro de 2013)*, 2013. Lamego: Ed. Museu de Lamego e CITCEM, 141-149. Disponível em www.museu-delamego.pt
- LEMOS, F. S.(1993): O povoamento romano em Trás-os-Montes Oriental. Tese de Doutoramento em Pré-História e História da Antiguidade (Vol. 1 e 2). Universidade do Minho Braga. 1993.
- PEREIRA, S.S; AMORIM, A., RORIZ, A., LIBERATO, M., COSME, S. (2015): “Espaços funerários no sítio da Quinta de Crestelos: do Baixo império à Idade Média (Mogadouro, Portugal)”. In *Documentos de Arqueologia Medieval 8. Identidad y Etnicidad n Hispania, Propuestas teóricas y cultura material en los siglos V-VIII*. Universidade do País Basco. 2015. 161-179.
- RODRIGUES, Miguel Areosa (2012): “A ocupação humana no Baixo Vale do Sabor. Património Arqueológico e Arquitectónico. In *Revista Colégio Campos Monteiro – Espaço de Cultura e Memória. Torre de Moncorvo: Edição da Associação dos Alunos e Amigos do Ex-Colégio Campos Monteiro*. 2012. 9-36.
- TERESO, J.P, VAZ, F.C., SEABRA, L., COSME, S.,PEREIRA, S.S. (2016): “Os níveis medievais do sitio de Quinta de Crestelos (Mogadouro): agricultura e paisagem”. Apresentado no Encontro com a História, em Junho de 2016, em Mértola e que sairá na *Arqueologia Medieval*, 14. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola. Edições Afrontamento (no prelo).